

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA E A ATUALIDADE DO CONCEITO DE ‘MASSA’ PARA A TEORIA DA COMUNICAÇÃO

ACSELRAD, Marcio
Doutor
UNIFOR
macselrad@gmail.com

MOTA, Savio Felix
Graduando
UNIFOR
saviofm@gmail.com

RESUMO

Original e caro aos estudiosos da teoria da comunicação desde seus primórdios, o conceito de massa, bem como diversas expressões idiomáticas em que o mesmo aparece, encerra já uma longa história. O presente artigo busca contribuir para a reflexão sobre a história desse conceito bem como pensar seu possível uso no atual estágio de desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Para isso, buscaremos dialogar com os usos do termo, presentes em autores de referência, tanto funcionalistas quanto críticos, bem como trazer novas perspectivas que propiciem uma reflexão sobre a atualidade do conceito.

Palavras-chave: Massa. Cultura de massa. Teoria da comunicação.

1 INTRODUÇÃO

Ao se lidar com os estudos de comunicação, é notório perceber como o termo massa tem tido preponderância teórica. Se por “mídia de massas” entende-se uma “abreviatura para descrever meios de comunicação que operam em grande escala [...] e há muito estabelecidos, como jornais, revistas, filmes, rádio, televisão e música gravada” (MCQUAIL, 2003, p.4), faz-se necessário indagar qual o lugar semântico ocupado pelo vocábulo. De imediato se apreende a dimensão mediada e mediadora dos veículos que servem à atividade de compartilhar signos. Mas o emprego da palavra “massa” não encontra de maneira tão pacífica sua natureza. Aparecendo em expressões como ‘comportamento de massas’, ‘opinião de massas’, ‘consumo de massas’, ‘cultura de massas’, e mesmo ‘sociedade de massas’, a questão primordial que se busca responder é, afinal: o que é aquilo de que se fala quando se refere ao termo massa? E mais, ainda faria sentido utilizar-se tal conceito em face dos novos modelos e das novas formas de difusão de mensagens na contemporaneidade?

É possível esboçar uma resposta a partir de um breve apanhado dos usos genéricos e específicos do termo. Esta primeira incursão já traz alguns indícios consideráveis; conquanto não se possa ignorar o resgate histórico do termo à maneira como Martín-Barbero (2001) procede. Partindo destas provocações, pode-se verificar como o étimo teve um desenvolvimento inconstante e incorporou acepções diferentes até o momento atual. Nunca estando consolidada (mas tampouco em definitiva extinção), o termo figura como uma categoria aberta e polissêmica, rica de sentidos e, por isso mesmo, digna de discussão.

2 DO LÉXICO COMUM AO CONCEITO

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “massa” é relacionada a 24 significados e a uma série de locuções nominais. Dentre suas possíveis leituras, pode-se destacar inicialmente:

1. Quantidade de matéria sólida ou pastosa de maior ou menor coesão, geralmente de forma indefinida.
2. Quantidade considerável

de um fluido. 3. Conjunto de elementos, geralmente de mesma natureza, formando um aglomerado. [...] 9. fig. Coisa, objeto que perdeu sua forma. (HOUAISS, 2009, p.1253-1254).

Definições quase idênticas encontram-se no Novo Dicionário Aurélio Século XXI. De pronto sobressai como principal característica do termo o sentido de mistura ou amálgama de elementos indistintos compondo um corpo ou conjunto homogêneo. Alguns sentidos figurados do verbete corroboram com essa mesma acepção a nível sociológico:

11. fig. Conjunto das camadas mais numerosas da população; povo. 12. Totalidade ou grande maioria. 13. Multidão ou conjunto numeroso de pessoas. 14. fig. Grande número de pessoas, relativamente coesas, vistas do ponto de vista social, cultural e econômico. 15. fig. O grande público. (HOUAISS, 2009, p.1253-1254).

Nos glossários dos manuais de teoria da comunicação temos:

Massa: grande grupo de indivíduos compreendido sempre pela base do menor coeficiente de organização, interação, produção enunciativa consciente e coesão possível, ou seja, pela menor quantidade de pontos comuns identificáveis entre os indivíduos do grupo, o que confere ao “objeto” representado pelo termo um caráter indistinto, uma falta de clareza que acaba sendo sua principal característica. (VILALBA, 2006, p. 119).

Massa. O termo descreve um vasto, mas amorfo conjunto de indivíduos com comportamentos semelhantes, sob influência externa, e que são vistos pelos seus possíveis manipuladores como desprovidos de identidade própria, formas de organização ou de poder, autonomia, integridade ou determinação pessoal. Representa uma visão da audiência dos media [sic]. (MCQUAIL, 2003, p.506)

Percebe-se o alto grau de generalidade a dominar o conceito em sua acepção sociológica e comunicacional. Tal nível de generalização se deve em função do período de gestação do conceito, sustentado nas décadas de 1930 e 1940 por estudiosos americanos da comunicação. Esses pesquisadores, provenientes do ramo administrativo da comunicação, a chamada ‘mass communication research’, dividiram-se basicamente entre os paradigmas funcionalista e empírico, desenvolvendo sucessivos sistemas e fórmulas sobre a dita comunicação de massa. Desses se destacam o modelo da teoria hipodérmica, o modelo de Lasswell, a abordagem empírico experimental, a abordagem dos efeitos limitados e o modelo proveniente da teoria da informação, todos embasados pelo pensamento positivista em voga na época (WOLF, 2008).

Embora não caiba distinguir aqui as nuances entre eles, teóricos como Katz, Lazarsfeld, Lasswell, Merton, Shannon e Weaver contribuíram sobremaneira para a

teoria técnica e administrativa dos meios de comunicação, cujo objetivo final era pensar a comunicação como forma de manutenção do status quo vigente, a saber, o sistema liberal capitalista. Massa, para eles, não é sinônimo de sociedade grande, mas antes do modo de organização de certas sociedades que se desenvolveram principalmente ao longo do século XIX. Constitui, portanto, uma audiência dispersa e indistinguível que sofre a influência passiva de poderosos meios de transmissão de informação em larga escala. Massa aqui aparece como aquilo que a comunicação deve controlar.

Os tecnólogos de mediação de massas, “obstinados em fazer da tecnologia a causa necessária e suficiente da nova sociedade - e, decerto, da nova cultura”, no dizer de Barbero, provocariam uma fascinação tal que os manuais para estudiosos da comunicação prosseguiriam reproduzindo este discurso “sem a mais mínima perspectiva histórica sobre o surgimento social das massas” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 55). Mas, como afirma Mannucci (apud WOLF, 2008, p.5) “a sociedade de massa não apenas tem origem bem distante na história do pensamento político como também apresenta diversos componentes e tendências; trata-se, em resumo, de um termo ‘guarda-chuva’, cujo uso e cuja acepção deveriam ser sempre especificados”.

Para lidar com a massa é preciso, pois, retomar as matrizes e implicações históricas, filosóficas e políticas que envolvem o novo modelo social que surge com a modernidade. Ou seja: retornar o olhar para o momento crítico da modernidade, o conturbado contexto norte-americano e europeu estudado e teorizado, sistematicamente, pela primeira vez pelo pensador francês Alexis de Tocqueville (1805-1859).

3 DA MASSA COMO MAIORIA TIRÂNICA

A grande preocupação de Tocqueville com relação à sociedade de massa gira em torno do âmbito político, sobre as garantias do direito do indivíduo e das minorias contra a onipotência democrática. Esse autor leva a cabo a linha aberta por La Boetie em *Da Servidão Voluntária* sobre a cumplicidade do povo com a tirania, a partir do momento em que esse se caracteriza como maioria. “Apelo à soberania do gênero humano contra a soberania do povo”, afinal, “o que é uma maioria, tomada coletivamente, se não um indivíduo que tem opiniões e, com frequência, interesses contrários aos de outro indivíduo, chamado minoria?” (TOCQUEVILLE, 1973, p.242).

Explorando o paradoxo fundamental entre a apregoada independência individual (do ideário liberal) e a vontade do povo (a maioria), o pensador francês vê na

primazia da coletividade sobre o indivíduo a maior e mais inapelável das tiranias. Essa é a essência da “democracia de massas”, entendendo o povo como “uma massa ignorante, sem moderação, que sacrifica permanentemente a liberdade em altares da igualdade” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.57). Desse modo, Tocqueville inaugura o conceito de “massa” em contexto sociológico e filosófico, dotando-o da característica negativa que irá acompanhar o conceito por muito tempo, repercutindo em autores como Gustave Le Bon, Sigmund Freud e Gabriel Tarde.

O período revolucionário recém vivido tanto na Europa quanto na América do Norte caracterizou-se pela participação intensa dos mais diversos estratos da sociedade. O que estava em questão era o risco da democratização: a contestação dos privilégios políticos, econômicos, jurídicos, sociais e culturais dos estamentos que estruturavam as sociedades medievais e persistiram até o início da era moderna (STRINATI, 1999, p.24).

Era o homem tomado em abstrato; algo só comparável às revoluções religiosas (TOCQUEVILLE, 1973, p.330), justamente porque abalou o fundamento teológico da antiga divisão social. Assim, a democracia vista por Tocqueville seria “uma sociedade na qual desaparecem as antigas distinções de castas, categorias, classes e na qual qualquer ofício ou dignidade é acessível a todos” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.57). Prova disso é o fato de que a deposição do Antigo Regime foi, em grande parte, liderada pela burguesia: uma nova instância social (não mais estamento, mas classe social) proveniente (entre outras categorias) de comerciantes e plebeus (servos desterrados), portanto, uma parcela social sem lastro de nobreza para legitimar seu domínio. Tinha início o longo trajeto da autonomia individual até chegarmos à atual sociedade de consumo, desvinculada de todo e qualquer lastro com passado ou tradição.

É propícia a analogia da massa como as turbas bárbaras que, uma vez tendo assolado de fora o império das certezas, encontravam-se agora dentro da sociedade, constituindo uma ameaça intrínseca e perene (MARTÍN-BARBERO, 2001). Neste caso Tocqueville não fala de massa propriamente, mas da vilania de que esta é capaz:

Se quisesse imaginar com que traços novos o despotismo poderia produzir-se no mundo, veria uma multidão incontável de homens semelhantes e iguais. [...] Cada um deles, separado dos outros, é como que estranho ao destino de todos eles: seus filhos e amigos particulares formam, para ele, toda a espécie humana; quanto ao restante de seus concidadãos, está ao lado deles, mas não os vê; toca-os, mas não os sente; só existe em si mesmo e para si mesmo e, se lhe resta ainda uma família, pode-se dizer que não tem mais pátria. (TOCQUEVILLE, 1973, p. 312)

Note-se o potencial dessa assertiva. Na primeira frase, a semelhança e

igualdade entre numerosos homens remete à ideia de massa como sujeito da difusão: um “vasto, mas amorfo conjunto de indivíduos, com comportamentos semelhantes”. A seguir, enfileira uma série de comportamentos (estar próximo sem ver, tocar sem sentir, o individualismo e a indisposição a intervir na agenda nacional) que se atribuiriam muito depois aos efeitos da comunicação de massa (ver WOLF, 2008, p.57). Partindo-se do princípio da tirania democrática, podemos então refletir sobre a verdadeira natureza dos meios de comunicação de massa, associada pelo discurso liberal à manutenção da democracia moderna. Entretanto, o termo massa sofria, simultaneamente aos trabalhos do pensador francês, um deslocamento significativo que culminaria com sua inscrição restrita à ordem da cultura. É o que iremos investigar a seguir.

4 DA CULTURA POPULAR AO HOMEM-MASSA

Quando falava de “sociedade de massa” ou “democracia de massa”, Tocqueville já trazia consigo o germe de uma novidade: deixava entrever a incidência da cultura sobre a política. Especialmente no que diz respeito aos costumes, “único suporte real da democracia” (1973, p.248) e à moral (“o império moral da maioria fundamenta-se na ideia que há mais luzes e sabedoria [...] no número do que na escolha feita pelos legisladores”) (idem, p.241).

Entretanto, se este autor justapunha cultura e política no discurso sobre a massa, no correr daquele século os ilustrados as cindiriam em oposição. “À noção política do povo como instância legitimante do governo civil [...], corresponde no âmbito da cultura uma ideia radicalmente negativa do popular” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.36). A população passa a ser, simultaneamente, o repositório positivo do poder nacional (assim reconhecida como “povo”) e negativo de toda sorte de superstição, ignorância e desordem (assim reconhecida como “massa”). Embora o pensamento romântico tenha se esforçado pela descoberta do povo, reincorporando política à cultura, aos costumes e à utopia, o povo quedaria “em uma dissolução completa: pela esquerda, no conceito de classe social, e pela direita, no de massa” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.43).

Enquanto o conceito de classe social incorria em certa discussão política e econômica, o de massa se inscrevia no campo bem mais complexo da cultura. Não obstante, no século XIX o termo absorveu-se na dicotomia entre cultura erudita (ou ‘superior’) e cultura popular (ou ‘vulgar’). Na mesma engrenagem das modernizações estudada por Tocqueville (em que carecia à burguesia revolucionária lastro de nobreza), esta agora era a centúria de afirmação simbólica da burguesia, já

estabelecida no comando das nações ocidentais modernas. “A classe vitoriosa, senhora absoluta dos meios de produção, passou a patrocinar integralmente a cultura e os intelectuais. [...] Esta era entendida como a vida da nova classe no poder” (SODRÉ, 1978, p.15). Era a sua própria produção de lastro nobre, ancorada na associação das antigas tradições à cultura erudita. Quanto à cultura popular, pouco mais cabia do que uma relação dialética e ideologicamente útil de alimentar a cultura erudita (quando vista positivamente) ou de ser repudiada (encarada negativamente).

A ideia moderna de cultura popular está associada às primeiras formas de consciência nacional [...] em uma tentativa dos intelectuais de erigir a cultura popular em cultura nacional. Nessa mesma época, a distinção entre cultura vulgar e cultura erudita pode ser encontrada nos escritos do poeta alemão Herder (BURKE apud STRINATI, 1999, p.20).

Complementa Sodré (1978, p.21): “A oposição cultura superior/cultura de massa surgiu, como sempre, para reafirmar e atribuir significação não exatamente a uma hipotética ‘cultura superior’, mas à própria concepção burguesa de cultura.”

Retomando a linha conservadora “que vai do medo à decepção e daí ao pessimismo, mas conservando o asco” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.55), o filósofo aristocrata espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) retoma a ideia de massa, operando ainda em termos dicotômicos e excludentes. Invocando o “fato social das aglomerações”, Ortega anuncia: “vivemos sob o brutal império das massas” (ORTEGA Y GASSET, 2007, p.49). A partir daí desenvolve o conceito de “homem-massa”: o homem ocidental que, sendo engendrado por ilimitada facilidade material, filho da democracia liberal e do industrialismo que se alastraram no decorrer do século XIX, alcança, no início do século XX, “a livre expansão de seus desejos vitais, portanto, de sua pessoa, e a radical ingratidão para com tudo que tornou possível a facilidade de sua existência” (ORTEGA Y GASSET, 2007, p.89). Esses são os dois traços psicológicos estruturais deste “novo homem”, que o autor relaciona à “psicologia da criança mimada” (ORTEGA Y GASSET, 2007, p.89). Massa aqui não está relacionado à quantidade de pessoas, mas a certa qualidade egoísta e anti-social do homem moderno.

O homem-massa (ou homem-médio, vulgar ou multitudinário) em Ortega y Gasset foi resultado acabado da evolução da democracia liberal, da ciência e do industrialismo sobre todas as esferas da vida humana, o que produziu, segundo o autor, uma subjetividade inédita na história. Perdido o sentido milenar da vida como “limitação, obrigação e dependência”, a vida se teria transformado em “facilidade, vulgaridade e conformismo”. Assim, toda conquista civilizatória estaria sob ameaça de

Algumas considerações sobre a história e a atualidade do conceito de ‘massa’ para a teoria da comunicação

estagnação, pela naturalização do progresso, e de destruição, pelo capricho voraz da maioria vulgar.

Nas agitações provocadas pela escassez, as massas populares costumam procurar pão, e o meio que empregam costuma ser o de destruir as padarias. Isto pode servir como símbolo do comportamento que, em proporções mais vastas e sutis, têm as massas atuais para com a civilização que as alimenta (ORTEGA Y GASSET, 2007, p. 91).

Radicalizando as inquietações de Tocqueville, Ortega y Gasset verbaliza o horror sobre as massas que ascenderam verticalmente de um lugar social rebaixado ao pé de igualdade com todos os demais homens. Enquanto o homem nobre (isto é, de caráter) se empenha numa vida de disciplina e normas autoimpostas, de privilégios adquiridos e de esforço frustrado (do qual a arte e o pensamento filosófico seriam as maiores expressões), o único compromisso do homem-massa está em seus apetites formidáveis, providos por “meios poderosos de toda ordem para satisfazê-los” (ORTEGA Y GASSET, 2007, p.98). Sendo tão medíocre quanto qualquer outro anterior, é essencialmente hermético e indócil, “quer suplantar os excelentes” (ORTEGA Y GASSET, 2007, p.98), com o agravante de tentá-lo não somente em política, mas moral e intelectualmente. Está surgindo o homem da sociedade de consumo. Inculto e vulgar, o novo homem não tem vergonha de sua condição mas, ao contrário, faz questão de apregoá-la aos quatro ventos.

5 INDISTINÇÃO, CRISE E OSTRACISMO DE UM CONCEITO

A distinção entre cultura erudita e cultura popular fundou uma dicotomia que perduraria sob outras formas pelos tempos vindouros. Numa dessas expressões, trazida à tona pela teoria americana da nova realidade midiática, o termo ressurge para o campo da comunicação. “A discussão sobre cultura popular adquire importância por estar relacionada com o conceito de cultura de massa, que se desenvolve particularmente, a partir dos anos 1920 e 1930” (STRINATI, 1999, p.20).

É como extensão daquela cultura popular que a cultura de massa surge e se estabelece como um problema central nas discussões. Mas há uma diferença significativa, entretanto, para a discussão sobre cultura popular do século XIX: esta passa a ser “a cultura popular produzida pelas técnicas de produção industrial e comercializada com fins lucrativos para uma massa de consumidores” (STRINATI, 1999, p.27). Mesmo não produzindo uma teoria crítica de viés ideológico, os pensadores

norte-americanos já se preocupam com o problema do mau gosto que começa a infestar a sociedade em que vivem.

Da mesma maneira que havia, então, uma oposição ideológica entre cultura popular e cultura erudita, havia agora a dicotomia entre cultura de massa e cultura erudita, elevada ou superior, atualizada em termos da comunicação radiodifundida e teledifundida do nascente século XX. Porém, alerta Sodré, “esta oposição é basicamente falsa, porque o código da cultura de massa [...] é ontologicamente o mesmo da cultura elevada, apenas adaptado para o consumo de todas as classes sociais” (SODRÉ, 1978, p.16).

A teoria crítica, na figura de Theodore Adorno (1903-1969), tem um posicionamento importante quanto a esse estado teórico conceitual. O autor era radicalmente oposto à pesquisa administrativa dos teóricos americanos e punha em dúvida a propriedade do termo cultura de massas em favor do conceito de indústria cultural. “Trata-se de contestar a afirmação, implícita na noção de cultura de massa, de que aí se tenha cultura sem mais, e de que ela pertença às massas” (COHN, 1998, p.18). Sua linha teórica desenvolve toda uma argumentação contrária à da pesquisa empírica (guiada por interesses de mercado, buscando atingir maiores audiências), explorando a “dialética do esclarecimento” (onde a razão iluminista e emancipadora se veria traída) para descrever a sistemática de esvaziamento da subjetividade e da própria essência de cultura a partir da apropriação técnica da razão pela indústria cultural. “Os produtos da indústria cultural não representam, portanto, uma forma amesquinhada de cultura, mas simplesmente não têm como cumprir a sua promessa: precisamente a de ser cultura” (COHN, 1998, p.17).

Adorno entende cultura como “negação de um estado de coisas dado” que “implica diferença, protesto do particular contra o geral, individualização no lugar do comensurável. ... A barbárie estética realiza hoje a ameaça que pesa sobre as criações espirituais desde o dia em que foram colecionadas e neutralizadas como cultura” (ADORNO, 2002, p.22). O autor alemão chega a operar em termos de cultura/não-cultura (ou “incultura”), a ponto de afirmar que “falar de cultura foi sempre contra a cultura; o denominador ‘cultura’ já contém, virtualmente, a tomada de posse, o enquadramento, a classificação que a cultura assume no reino da administração” (ADORNO, 2002, p.22).

A questão se tornaria ainda mais complexa com a entrada em cena dos chamados Estudos Culturais da década de 1960. Surgidos em diversas partes do mundo, essa tendência se fez especialmente notável na Inglaterra, onde, na Escola de Birmingham e provenientes das classes menos abastadas da sociedade industrial,

Algumas considerações sobre a história e a atualidade do conceito de 'massa' para a teoria da comunicação

surgem autores como Richard Hoggart, Raymond Williams, E. P. Thompson e Stuart Hall. Embora preferissem (por seu escopo sistêmico crítico) a expressão indústria cultural ao termo cultura de massa, os frankfurtianos ainda tomavam as audiências de modo amplo e geral, homogeneizando o que era na realidade uma vasta e heterogênea audiência. Essa perspectiva irá mudar radicalmente com uma nova e radical abordagem.

No caso dos estudos culturais, o termo massa pouco entrava em questão, bem como a suposta dicotomia entre cultura superior e inferior. Pode-se perceber isso pela própria maneira intrínseca aos estudos culturais de encarar a cultura: esta não devia ser vista como uma forma de vida global, hierarquizada, segmentarizada e esquemática. Ao contrário, a cultura “manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica” (AGGER apud ESCOSTEGUY, 2002, p.156) e “significa [...] um grande número de intervenções ativas” (AGGER apud ESCOSTEGUY, 2002, p. 156). Doravante tudo pode e deve ser considerado uma manifestação cultural, não havendo mais um critério claro para definir que manifestação cultural ou que mensagem comunicacional é superior à outra. Tal perspectiva, cabe lembrar, não deve ser confundida com um relativismo radical mas aponta para o estudo específico de cada obra, de cada experiência, de cada cultura. A partir dessa perspectiva, o conceito de massa (quer no sentido tocquevilliano de maioria tirânica, quer no sentido dos teóricos da comunicação de audiência passiva) não cabia mais como um conceito sólido para se estudar a sociedade, a cultura ou a comunicação, caindo em certo ostracismo conceitual.

No final do século XX uma nova reviravolta iria produzir suas consequências para o estudo do conceito. A reboque das transformações institucionais advindas das novas tecnologias de comunicação, teóricos como Pierre Levy e Gilles Lipovetsky problematizariam uma vez mais o sentido do termo massa e sua viabilidade como instrumento de compreensão da sociedade contemporânea. Com a entrada em cena de uma infinidade de novos dispositivos comunicacionais, que alteram radicalmente a forma da comunicação se dar, ao passarmos do modelo tradicional um-todos (comunicação de massa) para o modelo todos-todos (comunicação em rede), torna-se ainda mais difícil recorrer ao simples conceito de massa para conseguir abarcar uma situação progressivamente mais complexa e múltipla. Afinal, por mais que persistam certos comportamentos considerados de massa, certas atitudes que identificam todos e cada um dos habitantes do planeta numa teia global e capitalística, a forma de agir, pensar e comunicar de cada um ganha uma autonomia inédita, algo imprevisto pelos autores que cunharam e utilizaram o termo massa nos séculos que nos antecederam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se depreende desse breve estudo do conceito de massa é que o termo precisa ser sempre e uma vez mais problematizado. Dada sua história coalhada de sentidos negativos e positivos, sua origem advinda do pensamento social, o termo passou por sucessivos deslocamentos, sendo comparada positiva ou negativamente a povo ou entrelaçada na dicotomia erudito/popular. No caso da comunicação, o termo aparece colocado em expressões e locuções próprias da área, acomodado na idéia de audiência difusa e passiva. Por isso, mais do que oportuno, tem sido imperativo aos estudos de comunicação emprestar dos estudos sobre sociedade, cultura e política os sentidos múltiplos e originais dessa palavra.

Conhecer a história da passagem da Idade Média à Idade Moderna e desta à nossa era contemporânea nos assiste a desvelar o medo das turbas que fundamenta essa concepção. Contudo, tal panorama muda substancialmente se levarmos em conta a massa como maioria política nas democracias ocidentais. Mesmo os sentidos legados pela tradição conservadora do pensamento sobre a massa contribuem em caráter filosófico para uma ressignificação do termo. Basta que estejam destituídos do inoportuno e preconceituoso asco conservador.

Nesse sentido, embora ainda calcados em referenciais teóricos diacrônicos, os usos da palavra evidenciam sua contínua pertinência. Nenhuma das questões políticas que se faziam sobre a sociedade de massa desde Tocqueville parece ter desaparecido. A exemplo disso (e a despeito de todas as ressalvas que nos lega o reconhecimento histórico), acreditamos que a tirania das massas ainda é uma questão plenamente suscetível nos estudos sobre comunicação, mesmo com todas as transformações tecnológicas advindas da segunda metade do século XX. Talvez, ao contrário, o termo hoje ganhe em atualidade, tornando-se seu uso uma vez mais pertinente em tempos de convergência e interações conflituosas entre a mídia tradicional e as redes informáticas globais. Afinal, não se deve esperar que o longo período de gestação da cultura de massa, homogeneizadora e produtora de pensamento único, vá desaparecer de uma hora para outra simplesmente por causa do surgimento de novas tecnologias de comunicação. Afinal, é importante lembrarmos que mídia é apenas meio. O que fazemos com ela é problema nosso.

Algumas considerações sobre a história e a atualidade do conceito de 'massa' para a teoria da comunicação

SOME CONSIDERATIONS ON THE HISTORY OF THE CONCEPT OF 'MASS' AND ITS IMPLICATIONS ON COMMUNICATION THEORY

ABSTRACT

Since its very beginnings, the concept of mass has been close to the theory of communication alone or in several idiomatic expressions. The present article intends to study the history of such concept as well as to think about its possible uses in the present stage of development of communication technologies. Therefore we shall propose a dialog with the many uses the word had gained throughout its history, whether used by functionalists or critics, as well as to bring new perspectives for a current reflection of its use.

Keywords: Mass. Mass culture. Communication theory.

ALGUNAS CONSIDERACIONES SOBRE LA HISTORIA Y ACTUALIDAD DEL CONCEPTO DE 'MASA' PARA LA TEORÍA DE LA COMUNICACIÓN

RESUMEN

Original y caro a los estudiosos de la teoría de la comunicación desde sus primordios, el concepto de Massa, bien como diversas expresiones idiomáticas en que el mismo aparece, tiene una larga historia. El presente trabajo busca contribuir para una reflexión sobre la historia de este concepto bien como pensar su posible uso en la actual etapa de desarrollo de las tecnologías de comunicación. Para eso, buscaremos dialogar con los usos del término, presentes en autores de referencia, sean funcionalistas ó críticos, bien como traer nuevas perspectivas que propicien una reflexión sobre la actualidad del concepto.

Palabras claves: Massa. Comunicación de massa. Teoría de la comunicación.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COHN, G. A atualidade do conceito de indústria cultural. In: MOREIRA, A.S. (org). **Sociedade Global: cultura e religião**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.11-26.

ESCOSTEGUY, A.C. Os Estudos Culturais. In: HOLHFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. (orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 2ed. Petrópolis, Vozes: 2002, p.151-170.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, A; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MCQUAIL, D. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ORTEGA Y GASSET, J. **A Rebelião das Massas**. 3 ed. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

STRINATI, D. **Cultura Popular: uma introdução**. 1 ed. São Paulo: Hedra, 1999.

TOCQUEVILLE, A. A Democracia na América. In: WEFFORT, F.C. (org). **Federalistas**. 1ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.185-319.

_____. O Antigo Regime e a Revolução. In: WEFFORT, F.C. (org). **Federalistas**. 1ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.321-367.

VILALBA, R. **Teoria da Comunicação: conceitos básicos**. São Paulo: Ática, 2006.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Copyright (c) 2011 Autor(es) / Copyright (c) 2011 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in
research, educational and non-commercial activities.

